

## Os caminhos da memória em busca da identidade em *Le chercheur d'or*

## The paths of memory in search of identity in *Le chercheur d'or*

## Los caminos de la memoria en búsqueda de la identidad en *Le chercheur d'or*

---

Marília Alves Corrêa<sup>1</sup>

---

Recebido em: 19/2/2015  
Aceito para publicação em: 25/5/2015

**Resumo:** A narração autodiegética de Alexis, em *Le chercheur d'or* (1985), configura-se como um exemplo interessante e peculiar nos estudos acerca do papel da memória na literatura. Ao mostrar-se como uma narrativa que conta a história de um exilado na busca pelo "ouro" e as intempéries pelas quais passou em sua trajetória, o romance enfatiza a memória do protagonista sobre acontecimentos sociais e históricos, como o processo de urbanização acelerado, as consequências do sistema capitalista e a Primeira Guerra Mundial. Assim, percebe-se quais são as referências familiares e topográficas que estimulam a memória de Alexis e como isso se torna parte de sua identidade. Além disso, pontua-se a possibilidade de uma interferência proposital da memória do escritor Jean-Marie Gustave Le Clézio, já que ele usa fatos de sua vida para inspirar-se na escritura da obra.

---

<sup>1</sup> Mestranda na Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Araraquara. Bolsista CNPq – Brasil.

**Palavras-chave:** lugares de memória; memória coletiva; identidade; narrativa contemporânea.

**Abstract:** The autodiegetic narration of Alexis, in *Le chercheur d'or* (1985), appears as an interesting and singular example in studies of the role of memory in literature. By being shown as a narrative that tells the story of an exile in the quest for "gold" and the elements through which the exile passed on his journey, the novel emphasizes the memory of the protagonist on social and historical events, such as the accelerated process of urbanization, the consequences of the capitalist system and the First World War. Thus, it is possible to see the family and topographical references that stimulate Alexis's memory and how this becomes part of his identity. Furthermore, the possibility is pointed out of an intentional interference of memory of writer Jean-Marie Gustave Le Clézio, as he uses facts from his life to inspire the writing of the novel.

**Keywords:** places of memory; group memory; identity; contemporary narrative.

**Resumen:** La narración autodiegética de Alexis, en *Le chercheur d'or* (1985), se configura como un ejemplo interesante y peculiar en los estudios acerca del papel de la memoria en la literatura. Al mostrarse como una narrativa que cuenta la historia de un exiliado en la búsqueda por el "oro" y las intemperies por las cuales pasó en su trayectoria, el romance enfatiza la memoria del protagonista sobre hechos sociales e históricos, como el proceso de urbanización acelerado, las consecuencias del sistema capitalista y la Primera Guerra Mundial. Así, se observa cuáles son las referencias familiares y topográficas que estimulan la memoria de Alexis y cómo eso se vuelve parte de su identidad. Además, se puntúa la posibilidad de una interferencia ocasional de la memoria del escritor Jean-Marie Gustave Le Clézio, ya que él usa hechos de su vida para inspirarse en la escritura de la obra.

**Palabras-clave:** lugares de memoria; memoria colectiva; identidad; narrativa contemporânea.

As escolhas temáticas de Jean-Marie Gustave Le Clézio trouxeram novamente para o cenário literário a reflexão acerca da globalização e da dominação ocidental sobre culturas outrora colonizadas por potências hegemônicas. Nesse sentido, ele procura contestar o consumismo e o materialismo excessivos, mostrando como a sociedade moderna urbanizada causou consequências maléficas ao homem, pois, para ele, o avanço ocidental acontece de maneira muito agressiva, o que gera violência e desagregação:

Notre rôle consiste peut-être à ne pas abîmer le milieu dans lequel nous vivons, afin que nos enfants en héritent, tel qu'il est; ou à transmettre cette idée, simple, que les relations entre les différents membres d'un groupe ou d'une famille sont beaucoup plus importantes que les progrès techniques qu'on pourrait apporter à ce groupe ou à cette famille<sup>2</sup> (LE CLÉZIO, 1998, p. 24).

Percebe-se nas obras leclézianas uma tentativa de valorizar aquilo que foi preterido pelo homem em virtude dos avanços tecnológicos da modernidade nas culturas marginalizadas por esse processo. São evidenciados, portanto, lugares paradisíacos onde a natureza, a

<sup>2</sup> "Nossa função consiste, talvez, em não destruir o meio no qual vivemos, para que nossas crianças o herdem tal como é, ou transmitir essa ideia simples de que as relações entre os diferentes membros de um grupo ou de uma família são muito mais importantes do que o progresso tecnológico que nós possamos levar a esse grupo ou a essa família." Obs.: Todos os trechos em francês constantes deste artigo passaram por tradução livre da autora.

simplicidade e a riqueza cultural são abundantes, a fim de opô-los à hostilidade do mundo ocidental, contaminado pela competitividade e pela busca incessante de poder.

*Le chercheur d'or*, de 1985, tem como pano de fundo os resquícios do passado colonial das Ilhas Maurício, abrangendo, desse modo, as diferentes culturas que influenciaram a formação da população nativa: ingleses, franceses, africanos e indianos. Ao trazer à tona a constituição étnica e cultural desse povo, Le Clézio reflete sobre a necessidade de um interculturalismo que valorize a heterogeneidade cultural dos homens, mostrando a complementaridade das experiências comportamentais nos diferentes lugares do mundo. Para isso, ele retoma mitos e lendas cujas origens são as mais diversas possíveis, de forma a transformar a obra em um verdadeiro mosaico étnico-cultural. O autor procura ressaltar, por intermédio das personagens e dos lugares exóticos do romance, os mitos e as lendas que remetem à origem, ao retorno, ao primitivismo e à “Idade de Ouro”, o que demonstra a necessidade de lembrar um passado que, apesar de mítico, serve como inspiração ao homem para voltar a valorizar aquilo que reconstitua aspectos fragmentados pelo materialismo:

Nous avons rêvé des jours de bonheur, à Mananava, sans rien savoir des hommes. Nous avons vécu une vie sauvage, occupés seulement des arbres, des baies, des herbes, de l'eau des sources qui jaillit de la falaise rouge. Nous pêchons des écrevisses dans un bras de la Rivière Noire, et près de l'estuaire, les crevettes, les crabes, sous les pierres plates. [...] Ici, tout est simple<sup>3</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 364).

Por meio dessa lembrança primitiva e da consequente revalorização da natureza e da simplicidade, o ser humano alcançaria sua plenitude, uma vez que reencontraria sua identidade genuína e o equilíbrio com o cosmos.

Nesses termos, será dado enfoque à personagem principal, Alexis, já que é por meio de sua narração autodiegética (GENETTE, 1972) e, portanto, de seu fluxo de memória que teremos acesso à história. Entretanto ressalta-se que as outras personagens da narrativa também têm voz, o que lhes confere papel significativo na constituição da memória do protagonista, que contará as vicissitudes de sua busca iniciática pelo “ouro”. O romance é, basicamente, uma grande analepse (GENETTE, 1972) que abrange os anos de 1892 a 1922, fazendo com que Alexis narre sua história desde a infância, vivida no Boucan (Ilhas Maurício), período evocado com muito saudosismo:

Je me souviens des nuits étoilées du Boucan, quand je sortais sans bruit de la chambre chaude pour trouver la fraîcheur de jardin. Alors, comme maintenant, je croyais sentir sur ma peau le dessin des étoiles, et, quand le jour venait, je les recopiais dans la terre, ou dans le sable du ravin, avec des petits cailloux<sup>4</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 335-336).

Após um ciclone, o Boucan foi destruído, o que ocasionou a mudança da personagem e de sua família para uma cidade pequena, mas urbanizada (Forest Side). Diante da exclusão

<sup>3</sup> “Nós sonhamos com dias de bonança em Mananava, sem nada saber dos homens. Nós vivemos uma vida selvagem, ocupados somente com as árvores, a enseada, a grama, a água das fontes que jorram do penhasco vermelho. Nós pescamos camarões na margem do Rio Negro e perto do estuário, os camarões, os caranguejos sob as pedras. [...] Aqui, tudo é simples.”

<sup>4</sup> “Eu me lembro das noites estreladas do Boucan, quando eu saía do quarto quente sem fazer barulho para encontrar o frescor do jardim. Então, como agora, eu acreditava sentir sobre minha pele o desenho das estrelas e, quando o dia raiava, eu as reproduzia na terra ou na areia do barranco com os pequenos pedregulhos.”

social e do processo caótico de urbanização Alexis sente a necessidade de buscar algo maior que tiraria ele e sua família daquela condição submissa. Assim, fazendo uso de mapas herdados do pai, Alexis parte para Rodrigues (Ilha Maurício) a fim de encontrar aquilo que o libertaria da angústia e do sofrimento em que vivia. Aqui começa sua busca iniciática e, motivado pela nostálgica saudade de sua infância, do Boucan, de sua família e de seu amigo de infância Denis, instaura-se seu processo de rememoração.

A partir do momento em que Alexis embarca no navio *Zeta*, suas lembranças mais constantes são aquelas que remetem ao seu convívio social de até então (sua família, Denis, o Boucan), pois são elas que se associam à formação de sua identidade. Nesse sentido, identifica-se, de acordo com Halbwachs (1990), a influência da memória coletiva, já que por meio daquela simplicidade compartilhada no Boucan o protagonista começa a constituir seu ponto de vista acerca da vida e das pessoas. Desse modo, constata-se que, apesar da origem francesa do herói, sua personalidade é construída pelos costumes dos africanos, principalmente de Denis, pois é em um ambiente natural e miscigenado que Alexis se desenvolve. Por isso, essas referências adquiridas pelo meio coletivo em que viveu o acompanharão pelo resto de sua vida, uma vez que determinadas lembranças de sua infância ultrapassam o plano individual e não existem apartadas da sociedade em que se materializaram (no caso, o Boucan). Para Halbwachs (1990, p. 33-34), portanto, nós carregamos conosco também a memória de momentos que compartilhamos com pessoas relevantes no passado, mesmo que elas não façam parte do nosso presente:

Trazíamos conosco, com efeito, sentimentos e idéias que tinham sua origem em outros grupos, reais ou imaginários: é com outras pessoas que nos entretínhamos interiormente, percorrendo esse país, nós o povoávamos, em pensamentos, com outros seres: tal lugar, tal circunstância tomavam então a nossos olhos um valor que não podiam ter para aqueles que nos acompanhavam.

Tal teoria fica evidente em *Le chercheur d'or* (1985) quando Alexis associa as sensações do presente às do passado, mostrando que, apesar da distância espacial e temporal, não consegue desligar-se daquilo que marcou sua infância:

Il me semble que ma vie s'est arrêtée il y a longtemps, à l'avant de la pirogue qui dérivait sur le lagon du Morne, quand Denis scrutait le fond, à la recherche d'un poisson à harponner. Tout cela, que je croyais disparu, oublié, le bruit, le regard de la mer fascinant par ses gouffres, tout cela tourne en moi, revient, sur le *Zeta* qui avance<sup>5</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 130).

Além da memória saudosa que o protagonista tem de sua infância, formada pela participação da sociedade na qual estava inserido, ainda há a memória de Forest Side, cidade urbanizada para a qual ele e sua família tiveram de se mudar após o ciclone. Ao contrário daquela, esta se mostra cheia de mágoa e angústia, pois retoma o momento em que sua família foi dilacerada pelas relações de poder características do capitalismo. Apesar disso, ainda podemos tomá-la como parte constituinte da identidade de Alexis, já que ela se configura como o principal motivo de sua busca iniciática:

<sup>5</sup> “Parece que minha vida parou há muito tempo diante da canoa que estava à deriva sobre o lago do Morne, quando Denis escrutava ao fundo, à procura de um peixe para enfiar o arpão. Tudo isso, que eu acreditava que já estava desaparecido, esquecido, o barulho, o olhar do mar fascinante pelo seu abismo, tudo isso voltou em mim, retornou, sobre o *Zeta* que avança.”

Nous étions prisonniers de notre île, sans espoir d'en sortir. Je me mis à détester cette ville froide et pluvieuse, ces routes encombrées de misérables, ces charrettes qui transportaient sans cesse les fardeaux des cannes vers le trains de sucre [...]. Alors j'ai eu le sentiment de rompre les liens qui m'unissaient à Laure et à Mam [...]<sup>6</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 113).

A impressão negativa que Alexis carrega da cidade urbanizada ratifica a imagem que o protagonista tem de seu tio Ludovic e de seu primo Ferdinand, sempre descritos de maneira pejorativa por conta da ânsia por poder. Desse modo, nota-se a preponderância da influência da memória socialmente adquirida no Boucan, ou seja, aquela que coloca os capitalistas europeus como destruidores em oposição a uma população frágil e incapaz de se posicionar ante o avanço imperialista: “Je le [Ferdinand] déteste, et je déteste aussi son père, l'oncle Ludovic, parce qu'il est grand et fort et qu'il parle haut, et qu'il nous regarde toujours avec ses yeux noirs ironiques, et son espèce de sourire un peu crispé”<sup>7</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 35).

Diante de tais exemplos, constata-se que a memória coletiva latente em Alexis é aquela que ele conquistou no decorrer de sua infância em contato com pessoas simples e sonhadoras, para as quais a miscigenação e a multiplicidade de culturas se tornaram algo comum. Tal memória é amplamente explorada no final do romance, quando o protagonista descobre que o verdadeiro sentido do “ouro” procurado está dentro dele mesmo, na sua identidade e na harmonia com o cosmos. Isso só é desvendado no momento em que os ideais de sua infância são retomados, dando ao Boucan e à Mananava, lugares paradisíacos evocados nesse período, o *status* de “lugares ideais”, “perfeitos”, onde o homem, representado genericamente por Alexis, conseguiria alcançar a plenitude por meio do contato e da harmonia com a natureza. Assim, o caráter circular do romance fica explícito, pois a identidade encontrada na fase adulta é aquela que já se fazia presente na infância, mas que, após tantas decepções e tristezas, se tornou oculta e precisou ser lembrada para que fosse revalorizada: “Me voici de nouveau à l'endroit même où j'ai vu venir le grand ouragan, l'année de mes huit ans, lorsque nous avons été chassés de notre maison et jetés dans le monde, comme pour une seconde naissance”<sup>8</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 374).

Além disso, há ainda a memória que Alexis adquiriu por intermédio das histórias bíblicas que sua mãe contava, as quais ele partilhava, também, com Laure, sua irmã. Com o passar do tempo e conforme os acontecimentos se desenrolavam, ele fazia algumas associações dos fatos de sua realidade empírica com os mitos bíblicos transmitidos por Mam: “Il me semble qu'un jour je saurai qui voyageait dans ce grand navire, pour apercevoir Jonas au moment où il quitte le ventre de la baleine”<sup>9</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 30). Essas associações também podem ser percebidas no momento do ciclone, em que Alexis utiliza a memória da arca de Noé para estabelecer uma comparação com o momento em que vivem: “Je me souviens seulement de l'histoire du déluge, que Mam nous lisait dans le grand livre rouge, lorsque l'eau s'est abattue sur la terre et a recouvert jusqu'aux montagnes, et

<sup>6</sup> “Nós éramos prisioneiros de nossa ilha, sem esperança de sair. Eu passei a detestar esta cidade fria e chuvosa, essas ruas cobertas de miseráveis, essas charretes que transportavam sem cessar os fardos de cana em direção ao trem de açúcar [...]. Então, eu sinto vontade de romper os laços que me unem à Laure e Mam.”

<sup>7</sup> “Eu o [Ferdinand] detesto e detesto também seu pai, o tio Ludovic, porque ele é grande e forte e fala alto e nos olha sempre com esses olhos negros irônicos e uma espécie de sorriso um pouco crispado.”

<sup>8</sup> “Estou aqui novamente no lugar onde eu vi o grande ciclone, aos oito anos, quando nós fomos expulsos de nossa casa e jogados no mundo como se fosse um segundo nascimento.”

<sup>9</sup> “Parece que eu sabia que um dia viajaria em um grande navio para compreender Jonas no momento em que ele deixa o ventre da baleia.”

le grand bateau qu'avait construit Noé pour s'échapper [...]”<sup>10</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 81). Com isso, nota-se que a memória coletiva evocada por Alexis não só se refere ao que ele compartilhou com aqueles que viviam no Boucan, mas também faz parte do imaginário coletivo ocidental, uma vez que se trata de uma história sagrada à qual a grande maioria das pessoas teve acesso.

Ainda considerando a teoria de Halbwachs (1990) acerca da memória coletiva, deve-se considerar o fato de que a todo momento lembramos de pessoas que tiveram importância em nossa vida, trazendo-as constantemente para os mesmos lugares em que estamos:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Nesse sentido, constata-se a presença de Laure no navio *Zeta* mesmo que ela não estivesse ali fisicamente, isso porque ela faz parte da memória de Alexis e está intrínseca a ela: “Parmi ces hommes, n’y avait-il pas de mutins, de ces fameux pirates de l’Est africain dont on parlait tant des journaux de voyage que je lisais avec Laure?”<sup>11</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 132).

Apesar de todo o apelo de Halbwachs (1990) que consagra a memória como algo inerente e inapartável do coletivo e de todas as referências a essa memória coletiva encontradas em *Le chercheur d'or*, ainda há, tanto na teoria citada quanto no romance em questão, um espaço para se discutir a memória individual, ou seja, aquela específica de determinado indivíduo, que, no caso deste trabalho, seria do protagonista e narrador Alexis: “Haveria então, na base de toda a lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que – para distingui-lo das percepções onde entram tantos elementos do pensamento social – admitiremos que se chame *intuição sensível*” (HALBWACHS, 1990, p. 37, grifos do autor). Entretanto o autor, apesar de citar a possibilidade de uma memória puramente individual, faz uma ressalva de que apenas a memória imagética pode ser um estado de consciência puramente individual, mas que, ao ser verbalizada, ela já está contaminada pela memória coletiva/social. A formação dessa memória individual seria, portanto, uma combinação aleatória das memórias dos diferentes grupos e comunidades aos quais o indivíduo pertenceu e, por consequência, das quais sofreu influências: “O conteúdo original de tais lembranças, que as destaca de todas as outras, se explicaria então pelo fato de que elas se encontram no ponto de cruzamento de duas ou várias séries de pensamentos, pelas quais elas se relacionam a tantos grupos diferentes” (HALBWACHS, 1990, p. 42).

Assim, ao transpor a teoria de Halbwachs (1990) acerca da memória individual para os estudos de *Le chercheur d'or*, constata-se que a peculiaridade da memória de Alexis, ou seja, o que faz de sua memória algo mais específico, é a junção das lembranças da infância, no Boucan, da experiência urbana, caótica e violenta em Forest Side, e da participação na Primeira Guerra Mundial, que, somadas ao seu calvário, resultam em uma última opção: Mananava. Conclui-se que Alexis vê em Mananava sua única esperança, porque acumulou experiências e memórias dos mais diversos grupos e, diante da lembrança que tem sobre a definição do lugar feita por Denis acoplada à frustração por não ter, até então, encontrado aquilo que procurava, faz sua última tentativa na batalha da busca pela felicidade:

<sup>10</sup> “Eu só me lembro da história do dilúvio que Mam lia para nós, do grande livro vermelho, quando a água se abateu sobre a terra e encobriu até as montanhas e o grande barco que Noé havia construído para escapar.”

<sup>11</sup> “Entre esses homens, não havia motins, desses famosos piratas do leste africano dos quais se falava tanto nos jornais de viagem que eu lia com Laure?”

C'est à Mananava que je pense, à présent, le dernier endroit qui me reste. C'est en moi depuis si longtemps, depuis les jours où nous marchions, Denis et moi, jusqu'à l'entrée des gorges. Souvent, tandis que je vais à cheval le long des chemins de cannes, je regarde vers le sud, et j'imagine les cachettes, à la source des rivières. Je sais que c'est là que je dois aller, enfin<sup>12</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 346-347).

Ao analisar as memórias e lembranças do herói de *Le chercheur d'or*, parece inevitável que se faça um paralelo com a memória do escritor. Le Clézio, apesar de ser filho de um britânico com uma francesa, possui ascendência mauriciana, o que o faz ter maior interesse por essa cultura. Assim, vemos que a memória coletiva, transmitida a ele por seus ancestrais, se torna inerente ao ponto de vista do escritor, mesmo que ele não tenha sido diretamente influenciado pelo passado e pelos costumes mauricianos. Nesse sentido, percebe-se claramente que o interculturalismo e a reflexão acerca das relações de poder têm origem nessa memória coletiva adquirida; ou seja, mesmo que Le Clézio não tenha sofrido com a colonização e, posteriormente, com a descolonização, ele carrega consigo essa memória. Cabe ressaltar que não se trata apenas de uma memória histórica à qual ele teve acesso como fonte de conhecimento, mas sim de eventos que, outrora, envolveram sua família, englobando, portanto, não só a racionalidade do conhecimento, como também o aspecto emocional:

Je me considère moi-même comme un exilé parce que ma famille est entièrement mauricienne. Depuis des générations, nous sommes nourris au folklore, à la cuisine, aux légendes et à la culture mauriciennes. C'est une culture très mélangée où se mêlent l'Inde, l'Afrique et l'Europe. Je suis né en France et j'ai été élevé avec cette culture-là. J'ai grandi en me disant qu'il y avait un ailleurs qui incarnait ma vraie patrie. Un jour, j'irai là-bas et je saurai ce que c'est. En France, je me suis donc toujours un peu considéré comme une "pièce rapportée". En revanche, j'aime beaucoup la langue française qui est peut-être mon véritable pays! Mais si on considère la France comme nation, je dois dire que je me suis rarement identifié à ses impératifs<sup>13</sup> (LE CLÉZIO, 2001).

Nesses termos, percebe-se que, apesar da dificuldade em classificar a individualidade ou a coletividade da memória, já que sua unidade está sempre em oposição à sua multiplicidade, mesmo que um indivíduo faça parte de um grupo e compartilhe memórias com ele não há descaracterização, pois cada um tem suas particularidades acerca da construção de seu passado, e as associações feitas para que a memória seja evocada são consequência de experiências e perspectivas individuais. Assim, uma mesma memória, ainda que compartilhada por vários indivíduos, é contada e revivida de maneiras diferentes.

<sup>12</sup> "É em Mananava que eu penso agora, o último lugar que me resta. Ele está em mim há muito tempo, desde o dia em que nós andávamos, Denis e eu, até a entrada dos desfiladeiros. Geralmente, embora eu fosse a cavalo ao longo dos campos de cana, eu via o sul e imaginava os esconderijos na nascente dos rios. Eu sei que é lá que eu devo ir, enfim."

<sup>13</sup> "Eu me considero como um exilado porque minha família é inteiramente mauriciana. Há gerações nós somos nutridos pelo folclore, pela cozinha, pelas lendas e pela cultura mauriciana. É uma cultura muito miscigenada em que se misturam a Índia, a África e a Europa. Eu nasci na França e fui educado com essa cultura. Eu cresci dizendo-me que havia um outro que encarnava minha verdadeira pátria. Um dia, eu irei lá e saberei quem é. Na França, eu sou, portanto, sempre um pouco considerado como um 'pedaço recolocado'. Por outro lado, eu amo muito a língua francesa, e a França é, talvez, meu verdadeiro país! Mas se a França é considerada nação, eu devo dizer que eu raramente me identifico com suas regras."

Até então foram discutidas as características da memória de Alexis e quais referências fizeram de sua narração um relato baseado na rememoração e retomada do passado. Faz-se necessário, entretanto, analisar os motivos que fazem do homem, de maneira geral, um ser que precisa da memória para encontrar, ou pelo menos preservar, sua identidade. A humanidade vê na preservação de referenciais externos (documentos, fósseis etc.) a reconstituição dela mesma e da sociedade que criou, encarada como algo formado do passado para o presente. Para Pierre Nora (1984), a busca e o entendimento da memória são característicos do atual momento, em que a vontade de ruptura com o passado coexiste com o sentimento de uma “memória esfacelada”. Nesse sentido, os processos capitalistas como a mundialização, a modernização, a industrialização e a descolonização potencializam esse estado paradoxal da memória, pois o distanciamento dos fatos, acontecimentos e costumes de determinado povo provoca a necessidade da memória, que se transforma, portanto, em história. Por isso se identifica em Alexis a insistência de lembrar sua infância no Boucan, pois no momento em que se muda para Forest Side percebe que ele e sua família não têm mais os mesmos costumes e que a vida feliz de outrora agora faz parte da memória e não do presente: “La vie à Forest Side, loin de la mer, cela n’existait pas. Depuis que nous avions été chassés de Boucan, nous n’étions plus retournés au bord de la mer”<sup>14</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 103). Aqui, fica evidente que a memória supre uma necessidade de identificação do indivíduo contemporâneo e que, no caso de Alexis, sua identidade está ligada aos ambientes naturais, ou seja, Boucan e, posteriormente, Mananava, lugares onde a harmonia e a plenitude são atingidas por meio do autoconhecimento e da relação com o cosmos.

Nora (1984) aponta, ainda, a fragilidade da memória em oposição à “certeza” da história, já que aquela se mostra mais emocional e, portanto, mais suscetível ao erro. Com base nisso, ele descreve os “lugares da memória”, *a priori*, como uma resposta à necessidade de manutenção da identidade do homem, mas alerta para o fato de serem, antes de tudo, uma mistura de história e memória: “Os lugares da memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1984, p. 12-13). Nesse caso o autor, na mesma linha ideológica de Halbwachs, não acredita na existência de uma memória espontânea e verdadeira, mas na possibilidade de se ter acesso a uma memória reconstituída e que, apesar das interferências sociais e históricas, ainda nos dá sentido de identidade. Por isso, para ele, há uma necessidade de manter arquivos, referências, para que a memória aflore, uma vez que ela não surge de maneira natural. Em *Le chercheur d’or*, a memória de Alexis é uma mistura dos eventos marcantes e individuais de sua infância e de sua trajetória como um todo, mas todos esses acontecimentos tiveram como pano de fundo fatos históricos que, de um modo ou de outro, influenciaram sua memória, tais como a colonização e a Primeira Guerra Mundial: “J’ai besoin de parler encore, pas pour lui, mais pour moi-même. Pour que ma voix aille au-delà de cet enfer jusqu’à l’île où Laure est dans le silence de la nuit, les yeux grands ouverts, écoutant le frémissement de la pluie, comme autrefois dans la maison du Boucan”<sup>15</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 291). Nesse momento fica clara a mistura de eventos que estimularam a memória da personagem: a necessidade de falar com Laure, sua irmã, provocada pelo inferno vivido na guerra, acionou a memória de sua infância, quando os dois ficavam acordados para ouvir o barulho da chuva.

Desse modo, Alexis, ao contar suas aventuras até o momento em que conquista Mananava, multiplica sua memória particular a fim de reconstituir a própria origem e

<sup>14</sup> “A vida em Forest Side era longe do mar, ele não existia mais. Desde que nós fomos expulsos do Boucan, nunca mais nós retornamos ao mar.”

<sup>15</sup> “Eu sinto necessidade de falar novamente, não para ele, mas para mim mesmo. Para que minha voz vá para além deste inferno até a ilha onde Laure está, no silêncio da noite, com os grandes olhos abertos, escutando o estremecimento da chuva, como outrora na casa do Boucan.”

refazer a própria história. Diante desse processo de rememoração, o protagonista consegue perceber que o verdadeiro tesouro que procurou durante tantos anos estava na sua própria identidade, mas para encontrá-lo foi preciso fazer uma introspecção a fim de recordar-se do que realmente fazia sentido. Para Nora (1984, p. 18), “a atomização de uma memória geral em memória privada dá à lei da lembrança um intenso poder de coerção interior. Ela obriga cada um a se lembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade”. Ademais, os ideais de progresso e decadência trazem à tona a necessidade de redescobrir as origens, fato evidenciado em *Le chercheur d'or* não somente por intermédio do narrador, mas também pelas referências diretas ao mito do eterno retorno, simbolizado pela vontade constante de voltar ao Boucan, ao mito literário de Robinson Crusóé (Daniel Defoe, 1719), por meio do qual se questiona até que ponto o avanço industrial e a civilização foram benéficos ao homem (representado inicialmente por Denis, mas no decorrer da narrativa o próprio Alexis se compara a Robinson) e ao mito da “Idade de Ouro”, do “Éden”, cuja principal ideia é lembrar uma época em que a humanidade tinha abundância de recursos naturais, que poderiam ser desfrutados sem a preocupação de esgotamento. Este último tem como principais representantes o Boucan e Mananava, lugares sempre descritos como berços de uma natureza bela, equilibrada e paradisíaca, fonte de plenitude e bem-estar:

Quand la mer est très basse, comme cela, tôt le matin, les rochers noir apparaissent. Il y a de grandes mares obscures, et d'autres si claires qu'on croirait qu'elles fabriquent la lumière. Au fond, les oursins font des boules violettes, les anémones ouvrent leurs corolles sanglantes, les ophiures bougent lentement leurs longs bras velus. Je regarde le fond des mares, pendant que Denis cherche les hourites avec la pointe de sa gaule, au loin<sup>16</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 15).

Entretanto, apesar de o retorno ao modelo mítico trazer, aparentemente, a “solução” para a reagração do homem contemporâneo, tem-se a impressão de descontinuidade e de que esse passado é algo tão distante que não faz mais parte da nossa existência, o que nos leva, paradoxalmente, a querer retomá-lo. Assim, surge no ser humano o desejo de se apropriar daquilo que não lhe pertence mais, de tornar a história do presente semelhante à história de um passado que, nesse caso, é mítico.

É nesse momento de retomada de um passado por vezes idealizado que Nora (1984) insere a ideia de “lugares de memória”, cuja principal função é configurar-se como um espaço em que há um ritual a fim de que a memória-história seja ressuscitada. Ressalta-se que algo só pode ser classificado como lugar de memória se tiver investido de uma aura simbólica, ou seja, o ritual retoma a lembrança que o lugar simboliza. No romance em questão, os lugares de memória serão os espaços geográficos, ou seja, as Ilhas Maurício, principalmente o Boucan, e Mananava, espaço imaginário e mágico. Além disso, é essencial que os lugares de memória sejam uma fonte de esperança para a reunificação do indivíduo fragmentado diante da crise dos paradigmas modernos e contemporâneos, reconhecendo-se, novamente, como sujeito. Nesse sentido, compreende-se o motivo do incessante saudosismo que Alexis nutre do Boucan e sua consequente rememoração, pois em sua infância a personagem se sentia plena, plenitude essa que foi dilacerada pelas relações de poder características da urbanização e da industrialização:

<sup>16</sup> “Quando o mar está muito baixo desse jeito, de manhã bem cedo, as rochas negras aparecem. Há grandes poças escuras e outras tão claras que parecem ser fabricadas pela luz. Ao fundo, os ouriços-do-mar formam bolas violetas, as anêmonas abrem seus tentáculos sangrentos, as estrelas-do-mar mexem lentamente seus longos braços peludos. Eu olho o fundo das poças enquanto Denis procura peixes com a ponta de sua lança” (descrição que Alexis faz do Boucan).

C'est une vie sans heurt, sans surprise, et il me semblait souvent que tout cela n'était pas réel, que c'était un songe que je faisais tout éveillé, tout cela, le train, les chiffres sur les registres, l'odeur de la poussière dans le bureaux, les voix des employés de W.W. West qui parlaient lentement du marché, portant sur leur tête leur panier vide, le long des rues immenses sous la lumière du soleil<sup>17</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 114).

Cabe ressaltar que Mananava se apresenta como uma lembrança mesmo antes de o protagonista conhecê-la. Na infância, Alexis ouvia as histórias de Denis e de seu avô e todas elas valorizavam a atmosfera mágica do local, descrevendo-o, por vezes, como um lugar para onde iam as almas dos escravos negros. Diante de tais descrições, Alexis criou uma imagem da localidade e, antes mesmo de conhecê-la e conquistá-la, já sentia saudades e já rememorava aquilo que ele tinha imaginado:

Je pense encore au Boucan, à tout ce qui pourrait être sauvé, la maison au toit couleur de ciel, les arbres, le ravin, et le vent de la mer qui troublait la nuit, éveillant dans l'ombre de Mananava les gémissements des esclaves marrons, et le vol des pailles-en-queue avant l'aube<sup>18</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 142).

Nota-se que os lugares de memória são inerentes ao ser humano, pois as lembranças são organizadas pelos mais diversos recursos, sejam eles concretos ou abstratos; afinal, por meio deles a identidade dos indivíduos é mantida. Em *Le chercheur d'or*, além de os espaços geográficos serem carregados de significados simbólicos e caracterizarem a memória de Alexis, ainda há os “mapas do Corsário desconhecido”, documentos escritos deixados pelo pai da personagem que a guiarão em sua busca. Tais mapas são referências concretas da infância de Alexis e, além de reafirmarem sua identidade, se apresentam sempre como um elo dele com sua origem, fortalecido pela memória do pai (funciona como uma espécie de herança) e, *a posteriori*, pelo reconhecimento de que o “ouro” que o mapa sinalizava era a própria identidade do herói, encontrada nas suas origens. Nesse sentido, observa-se que os lugares de memória aparecem para bloquear o esquecimento e, por intermédio deles, são “ativadas” outras ramificações da memória, função atribuída nesse caso aos mapas, uma vez que eles são a materialização da memória e da origem de Alexis:

Il [son père] parle de cet immense trésor qu'il va découvrir, car il sait enfin l'endroit où il se cache, il a découvert l'île où le Corsaire inconnu a placé son dépôt. Il ne dit pas le nom du corsaire, mais seulement, comme je le lirai plus tard dans ses documents, le Corsaire inconnu, et ce nom aujourd'hui encore me semble plus vrai et plus chargé du mystère que n'importe quel autre nom<sup>19</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 63).

<sup>17</sup> “É uma vida monótona, sem surpresa, e me parecia, frequentemente, que tudo aquilo não era real, que era um sonho e que eu despertaria, tudo aquilo, o trem, os números sobre os registros, o cheiro de poeira no escritório, a voz dos empregados de W.W. West que falavam lentamente do mercado levando sobre a cabeça seu cesto vazio, a grandeza das ruas imensas sob a luz do sol” (descrição de Forest Side, uma cidade mais urbanizada do que o Boucan).

<sup>18</sup> “Eu penso novamente no Boucan, em tudo o que poderia ter sido salvo, a casa com o telhado cor de céu, as árvores, o barranco e o vento do mar que perturbava a noite, despertando na sombra de Mananava as lamentações dos escravos marrons e o voo dos pássaros rabo-de-palha antes da aurora.”

<sup>19</sup> “Ele [pai de Alexis] fala desse imenso tesouro que ele vai descobrir, pois ele sabe, enfim, o lugar onde se esconde, ele descobriu a ilha onde o Corsário desconhecido colocou seu entreposto. Ele não diz o nome do corsário, mas somente, como eu lerei mais tarde nos seus documentos, o Corsário desconhecido, e esse nome, ainda hoje, parece-me tão verdadeiro e tão carregado de mistério que não importa qual é o seu outro nome.”

Pode-se dizer que, por meio dessa herança paterna, o protagonista preserva um vínculo palpável com sua infância, por isso também passível de ser classificado como lugar de memória, já que mantém a presença do passado no presente.

Apesar de ser retratada de maneira negativa, Forest Side também se configura como um lugar de memória, pois lá Alexis conhece com mais afinco as relações capitalistas. Em um primeiro momento, a personagem toma conhecimento de tais relações por intermédio do tio e do primo, que passam a ser uma alegoria da violência do sistema, mas é no momento em que se muda para a cidade que Alexis tem a real noção da exclusão a que ele e sua família estavam submetidos. Nesse sentido, Forest Side consolida-se como um lugar dominante, ou seja, além de ter sido imposto à família de Alexis, causa-lhe a sensação de submissão, de impotência diante de tal altivez. Esse sentimento é completamente contrário ao sentido no Boucan e em Mananava, sendo estes, portanto, lugares dominados, de refúgio, onde a espontaneidade e a liberdade preenchem a angústia causada pela urbanização. O prédio de W.W. West, conjunto de escritórios comandado por tio Ludovic, passa a ser a representação desse progresso e dessa industrialização violentos e excludentes:

À Rempart Street, c'était un autre monde. J'arrivais chaque matin par le train avec la foule des saute-ruisseau, et des commerçants chinois et indiens qui venaient faire leurs affaires [...]. C'était ce flot qui me portait jusqu'à la porte des bureaux de W.W. West, où m'attendaient, dans la pénombre chaude du cabinet, les registres et les piles de factures. J'y restais jusqu'au soir à cinq heures, avec un arrêt d'une demi-heure vers midi pour déjeuner<sup>20</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 114).

Essas reflexões acerca da memória são, segundo Nora (1984), sinais de que o progresso ocasionou uma aceleração histórica e as constantes transformações fragilizam as lembranças, o que leva a sociedade a ter uma obsessão pelos arquivos, pelos registros, ou seja, pela história. Já que a memória é carregada por grupos de seres vivos, há, como foi dito anteriormente, uma maior suscetibilidade a modificações e manipulações, o que acarreta uma permanente evolução. Dessa forma, constata-se que a memória de Alexis, personagem em questão, foi modificada pelos fatos históricos que presenciou: a descolonização caótica das Ilhas Maurício e a Primeira Guerra Mundial. De modo semelhante, a cultura francesa, representada por Alexis e sua família, também teve seus costumes alterados, uma vez que se permitiram adquirir costumes de outras culturas (africana/indiana). Nesse sentido, lugares que outrora despertavam uma memória ou uma impressão positiva em Alexis, como os países da Europa, por exemplo, passaram a provocar-lhe desgosto e angústia, principalmente pelo fato de terem sido berço de sua experiência na Primeira Guerra Mundial: “Devant nous, c'était comme la mer: ces collines, ces forêts, si sombres malgré la lumière de l'été, presque irréelles, sur lesquelles seuls les corbeaux avaient le droit de voler”<sup>21</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 289). Nesse caso, temos não somente um registro do fato histórico, empírico, como também o ponto de vista daquele que, mesmo ficcionalmente, participou do evento, possibilitando uma intersecção entre a história vivida e a história como fonte de conhecimento social e documentado; ou seja, a memória de Alexis pode ser complementada pelo registro histórico e vice-versa, mas isso não faz dessa lembrança algo incontestável.

<sup>20</sup> “Rempart Street era um outro mundo. Eu chegava, cada manhã, de trem com a multidão de *saute-ruisseau* e de comerciantes chineses e indianos que vinham fazer seus negócios [...]. Era esse fluxo que me levava até a porta dos escritórios de W.W. West, onde me esperavam na penumbra quente do gabinete os registros e as pilhas de faturas. Eu ficava lá até as cinco horas da tarde, com uma parada de meia hora, ao meio-dia, para almoçar”.

<sup>21</sup> “Diante de nós, era como o mar: estas colinas, estas florestas tão escuras, apesar da luz do verão, quase irrealis, sobre as quais corvos solitários tinham o direito de voar.”

Podem-se esboçar diversos tipos de lugares de memória, e essa diversidade evidencia o elo entre coisas aparentemente sem ligação mas que, com a ajuda e a ramificação da memória, podem ser relacionadas. A embarcação *Zeta*, por exemplo, na qual Alexis parte para Rodrigues, é comparada ao navio *Argo*, referente ao mito dos Argonautas e à tripulação de Jasão, que partira, assim como o herói aqui analisado, em busca de um tesouro. Assim, a personagem, evocando as histórias contadas por seu pai, traz para as fronteiras da memória a mitologia grega: “Depuis le premier jour, j’ai hâte de parvenir à Rodrigues, le but de mon voyage, et pourtant maintenant, je souhaite que cette heure ne s’achève jamais, que le navire *Zeta*, comme *Argo*, continue éternellement à glisser sur la mer légère [...]”<sup>22</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 139). Nesse momento, o interculturalismo da obra ratifica-se ao passo que o herói traz para seu universo elementos característicos da cultura europeia e os mostra como influentes na sua cultura e na formação de sua identidade e memória.

Até esse ponto, os lugares de memória citados, topográficos ou não, eram específicos, não tratados genericamente: não era toda ilha que Alexis idealizava e sim o Boucan e Mananava, assim como não era todo navio que lhe remetia aos Argonautas, mas o *Zeta*. Todavia deve-se dar destaque à importância do mar, de maneira geral, nessa narrativa iniciática, pois ele simboliza um espaço de transição que modificou o destino do protagonista, conquistando, portanto, um lugar importante em sua memória. Salienta-se que, aqui, o mar é um espaço ambivalente, pois ao mesmo tempo em que representa o lugar e motivo da catástrofe de Boucan (ciclone) ele também proporcionará o “renascimento” de Alexis; ele é o meio que o levará do lugar não idealizado e angustiante (Forest Side) a Rodrigues, onde sua esperança renasce e, após um longo período de reflexão e descobertas, alcança sua plenitude. Assim, ao passo que se transforma na via para a reintegração da personagem com as origens, configura-se como uma ponte para a restituição da subjetividade dela, caracterizando a circularidade do romance. Por isso, a primeira frase do livro – “Du plus loin que je me souviens, j’ai entendu la mer”<sup>23</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 11) – conecta-se diretamente à última: “Il fait nuit à présent, j’entends jusqu’au fond de moi le bruit vivant de la mer qui arrive”<sup>24</sup> (LE CLÉZIO, 1985, p. 375). Ademais, Alexis sempre descreve o mar como algo rodeado de mistério, o que, de certa forma, o atrai e intriga, causando-lhe medo (“Alors, en regardant la mer si belle, le sillage éblouissant qui trace une route sur l’eau impénétrable, je ressens à nouveau l’inquiétude”<sup>25</sup> – LE CLÉZIO, 1985, p. 321), ao mesmo tempo em que lhe desperta um sentimento de liberdade (“Enfin la liberté: la mer”<sup>26</sup> – LE CLÉZIO, 1985, p. 307). Nesse caso, considera-se o mar como parte dos lugares de memória “[...] intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do móvel e do imóvel” (NORA, 1984, p. 22).

Ao se referir aos lugares de memória a fim de caracterizá-los melhor, Nora (1984) atenta para o fato de que eles são autorreferenciais, não tendo, portanto, registros referenciais na realidade e, justamente por isso, são lugares de memória: “[...] os lugares de memória

<sup>22</sup> “Desde o primeiro dia, eu tenho pressa de chegar a Rodrigues e cumprir o objetivo de minha viagem e, no entanto, eu desejo que este momento não se acabe nunca, que o navio *Zeta*, como o *Argo*, continue eternamente a deslizar sobre o mar leve [...]”

<sup>23</sup> “A primeira coisa de que me lembro é escutar o mar.”

<sup>24</sup> “É noite agora, eu escuto no fundo de mim o barulho efusivo do mar que se aproxima.”

<sup>25</sup> “Então, olhando o mar tão belo, o rasto ofuscante que traça uma rota sobre a água impenetrável, eu sinto de novo a inquietude.”

<sup>26</sup> “Enfim a liberdade: o mar.”

não têm referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos sinais em estado puro. [...] o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história” (NORA, 1984, p. 27). Com isso, entende-se melhor a classificação do Boucan e de Mananava como principais lugares de memória em *Le chercheur d'or*, pois são *topoi* que representam aqueles que não tiveram espaço individualizado no contexto histórico-social retratado no romance (1892-1922). Ademais, a própria estrutura geográfica do lugar, uma ilha, torna-se espaço da utopia e também da maravilha, como já vimos em algumas citações deste trabalho, pois além de estar isolada do continente e do tempo ainda encerra o paraíso perdido, tão explorado nas mitologias e também na narrativa em questão.

É válido pontuar a importância das Ilhas Maurício para Le Clézio, por conta de sua ascendência mauriciana. Desbravador de territórios exóticos, o escritor, em 1981, decidiu fazer uma viagem para as Ilhas Maurício e Rodrigues a fim de conhecer melhor o lugar que seria palco da narrativa *Le chercheur d'or*. Assim, percebe-se que tais lugares também podem se configurar como lugares de memória para Le Clézio, pois ele os caracteriza, na obra, como um reflexo de suas próprias impressões: “C’est un endroit infiniment sauvage, en dépit des maisons qui ont poussé un peu partout actuellement là-bas. Ce n’est pas un endroit fait pour l’homme”<sup>27</sup> (LE CLÉZIO, 1986). Além disso, é possível que o próprio romance seja um lugar de memória do autor, por dois motivos principais: 1) a obra foi escrita com base em um texto redigido quando Le Clézio tinha aproximadamente 15 anos; 2) após a morte de seu avô, Le Clézio descobriu registros escritos atestando que ele vivera parte de sua vida procurando um tesouro. Com isso, *Le chercheur d'or* pode ter sido um meio encontrado pelo autor de retomar seus pensamentos de adolescente, ao mesmo tempo em que registra um pouco da história de seu avô.

A análise da importância da memória em *Le chercheur d'or*, assim como em diversas outras obras, gira em torno do grande questionamento humano diante da dicotomia causada pelo processo acelerado de industrialização, que torna as lembranças mais perecíveis, e da necessidade de manter a tradição viva, refletida no empenho em preservar referências concretas. Deletério é este aspecto efêmero do progresso, que traz consigo a mutabilidade constante das coisas, tornando a memória cada vez mais frágil, uma vez que as antigas informações têm de dar lugar às novas. Os lugares de memória desempenham, desse modo, a função simbólica, material e funcional de conservar algo que não faz mais parte do presente, mas que identifica determinado indivíduo ou grupo, dando a sensação de autorreconhecimento e autodiferenciação. Por isso, “[...] o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade; e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações” (NORA, 1984, p. 27).

A memória passa a ser, portanto, tanto para Nora (1984) como para Halbwachs (1990), algo inerente ao ser humano e diretamente relacionado ao contexto sócio-histórico em que está inserido. Diferencia-se da história por ser algo mais atual que estabelece uma relação com o presente e com a identidade, sem ser mera representação crítica do passado; por isso, há memórias diferentes sobre o mesmo acontecimento, o que torna a memória, por natureza, múltipla, coletiva, plural e individualizada (HALBWACHS, 1990). Assim, nota-se que tanto a memória de Alexis quanto a de Le Clézio trazem consigo a marca de suas identidades, origens e perspectivas, fazendo de *Le Chercheur d'or* um romance que, além de abranger eventos históricos, põe em reflexão o cenário histórico rememorado por aqueles que tiveram alguma participação na constituição da história.

<sup>27</sup> “É um lugar infinitamente selvagem, apesar das casas que, atualmente, lá invadiram. Não é um lugar feito pelo homem.”

## REFERÊNCIAS

ALAVI, F. **Mawlana et Le Clézio**: auteurs d'une quête mystérieuse de l'or. Teerã: Université de Téhéran, 2009.

ALVES DOS SANTOS, M. P. S. C. **Viagem e utopia em J.M.-G. Le Clézio**: *Le chercheur d'or e Voyage à Rodrigues*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2009.

BENJAMIN, W.; BOLLE, W. (Orgs.). **Experiência e pobreza**: documentos de cultura, documentos de barbárie. São Paulo: Cultrix, 1986. p. 195-198.

CAMARANI, A. L. S. A tradição literária poética e sensorial em Le Clézio. **Itinerários**, Araraquara, n.31, p.59-68, jul/dez. 2010.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GENETTE, Gérard. **Figures III**. Paris: Seuil, 1972. (Poétique).

HALBWACHS, M. A memória coletiva. **Revista dos Tribunais**, São Paulo, 1990.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JOLLIN-BERTOCCHI, S.; THIBAUT, B. **Lectures d'une oeuvre**. Nantes: Du temps, 2004.

LE CLÉZIO, J.-M. G. Jean-Marie Gustave Le Clézio: depoimento [1986]. Paris: **Magazine Littéraire**, n. 230, maio 1986. Entrevista concedida a Pierre Maury.

\_\_\_\_\_. Jean-Marie Gustave Le Clézio: depoimento [2001]. **Label France**, n. 45, dez. 2001. Entrevista concedida a Tirthankar Chanda.

\_\_\_\_\_. Le Clézio, errances e mythologies. **Magazine Littéraire**, Paris, n. 362, fev. 1998.

\_\_\_\_\_. **Le chercheur d'or**. Paris: Gallimard, 1985.

LES CAHIERS J.-M.G. LE CLÉZIO. Paris: Cumplicités, 2011-. Anual. ISBN 978-2-35120-033-9.

MAGRIS, C. O romance é concebível sem o mundo moderno? *In*: MORETTI, F. (Org.). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 1.015-1.028.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1984.

ONIMUS, J. **Pour lire Le Clézio**. Paris: PUF, 1994.

ROUSSEL-GILLET, I. Le Clézio, o escritor *métisserrand*, por um necessário interculturalismo. Tradução de Fábio Lucas Pierini. *In*: X SEMINÁRIO DE PESQUISA / IV SIMPÓSIO DE LITERATURA "DIÁLOGOS COM A CRÍTICA DE ANTÔNIO CÂNDIDO E DIÁLOGOS COM A FRANÇA". **Anais...** Araraquara: Unesp, 2009. p. 291-323.